

Indios elegíveis
Peret prepara expedição crente que contato com os beijos-de-pau será fácil

O sertanista João Américo Peret partiu ontem para Brasília, onde tratará da parte final de organização da expedição que tentará contato com os índios beijos-de-pau, na próxima semana, em Mato Grosso. Seguiu otimista e acha que talvez seja este o trabalho mais fácil de sua carreira.

Veterano em missões de contato com os índios, o sertanista afirmou que as notícias que tem recebido sobre os beijos-de-pau são bastante encorajadoras: os índios não estão em choque com civilizados, não mostram finalidades guerreiras e ultimamente têm demonstrado claramente intenções amistosas em relação aos brancos.

ATRAÇÃO

João Américo Peret passou um ou dois dias em Brasília, partindo depois para Cuiabá, onde receberá o equipamento indispensável, pretendendo penetrar na selva no final desta semana. Por falta de transporte aéreo entre Brasília e Cuiabá ele talvez tenha que voltar ao Rio, para conexão de voo.

A expedição do sertanista vai tentar, no território dos beijos-de-pau, entre os rios Arinos e do Sangue, um tipo de aproximação que é chamada de atração. Esse trabalho é realizado quando os índios se mostram propensos ao contato e geralmente saem ao encontro dos sertanistas sem apresentar ameaça ou indícios de hostilidade. O método é empregado em tribos que não tiveram muitos encontros com brancos e que não guardam deles ressentimentos maiores.

— Em um caso desses — explicou — nossa missão é promover a amizade com os índios para posteriormente conseguirmos a instalação de um posto médico e sanitário, que também garantirá o território indígena contra a invasão de seringueiros, caçadores ou garimpeiros.

PREVISÃO OTIMISTA

O sertanista acredita que a aproximação com os beijos-de-pau não deverá apresentar maiores problemas, embora tenha tomado todas as medidas de segurança necessárias, pois prefere agir com precaução.

Informou que a primeira medida será conseguir um contato com os índios à beira do rio Arinos. Depois, somente ele e mais duas pessoas irão em vi-

sita às malocas, permanecendo o restante da expedição no acampamento-base da Ilha das Trincheiras. Sabe, por trabalhos anteriores, que somente os índios mais afertos chegarão à margem para o primeiro contato, enquanto os mais temerosos ficam na maloca, negando-se a qualquer aproximação e podendo mesmo tornar-se agressivos.

— Se nós formos até a maloca e conseguirmos voltar, então não haverá mais perigo a todo mundo poderá ir até lá. Mas antes desse primeiro contato a aproximação sempre muito arriscada — explicou.

EQUIPAMENTO

O equipamento de campo que será levado pela expedição será praticamente o mesmo de qualquer outra missão do gênero. Os mantimentos serão todos base do trivial simples e os integrantes também levarão carabinas 22 e de cartucho para caça, e material para pesca.

Dormirão em redes que serão armadas no acampamento, todas protegidas por mosquiteiros, pois os insetos são encontrados em grandes quantidades na região. Além disso, levarão farto material médico, incluindo pronto-socorro, vacinas contra sarampo, catapora, tuberculose, difteria e febre amarela, e séros antiofídico e antiaracnídeo.

Como arma de defesa só levarão revólveres e fogos de artifício. Explica o sertanista que ambas são as melhores armas para proteção contra um eventual ataque, pois os índios não acreditam na eficácia de armas curtas, e têm verdadeiro pavor de fogos e cabeças-de-negro, debandando sempre que escutam explosões.

O índio beijo-de-pau

Os índios beijos-de-pau, também conhecidos como tapaiunas, vivem na margem esquerda do rio Arinos (Noroeste de Mato Grosso) e, segundo os técnicos da Funai, pertencem ao grupo étnico G, que abraça os caiapós, os sulis e ainda as tribos tebukamãe, krãikãre e kuben-krã-keim.

A principal característica dos beijos-de-pau é a que lhes deu o nome: têm um disco de madeira, alongado, preso ao lábio inferior, que fica deformado e cresce de tamanho. A princípio, é feito um pequeno furo sob o lábio; com o tempo, esse furo é aumentado, sobretudo para os lados. O disco de madeira mede cerca de 25 cm de circunferência. Entre as mulheres é comum prender um pedaço de madeira no lóbulo da orelha.

Os beijos-de-pau têm aspecto bastante rude, o que é acentuado pela deformação do lábio inferior. Medem aproximadamente 1,60m de altura. O cabelo é liso e cai sobre os ombros. Com fio de taquara (muito cortante) criam acentuadas aberturas no cabelo, em forma de V.

Usam cacetes e arco e flechas e ainda facas de pedras, ossos ou taquaras. Moram em casas retangulares, recobertas com folhas de palmeiras anajá. Cada uma delas abriga três famílias divididas à noite por pequenas fogueiras. Cada aldeia tem, em média, quatro casas e um máximo de 100 índios. No último voo de reconhecimento foram observadas 11 aldeias. Nas lavouras — dois alqueires para cada 50 pessoas — plantam mandioca, batata, banana, milho e cabaça (para guardar água e alimentos).

Os beijos-de-pau não têm canoas, como os carajás. Para cruzar os 300 metros do rio Arinos, eles revivem o início da navegação: usam um tronco flutuante e as mãos como remos. As vezes, utilizam-se de uma pequena balsa de buriti, mas não navegam sobre ela; nadam com um dos braços nela apoiado.

A tribo era desconhecida até há pouco. A primeira notícia é de 1959, quando o etnólogo alemão encontrou três beijos-de-pau — dois adultos e uma criança — perto do rio Arinos. Imediatamente, o alemão iniciou a entrega de presentes aos índios, que os aceitaram. O contato evoluía bem quando um tiro, dado por um caçador nas redondezas, afugentou os índios.

Mais ou menos um ano depois, o piloto de uma lancha do seringalista Benedito Bruno manteve um contato com os beijos-de-pau, à revelia do patrão. Conhecendo o ponto da mata mais frequentado pelos índios, ali deixou presentes, que os índios recolheram, retribuindo com flechas. O piloto teve, porém, de ir a Cuiabá e a aproximação foi interrompida. Na sua ausência, seu irmão seduziu a filha do seringalista, que baseado na lei da selva, mandou matá-lo, espetando-lhes flechas por todo o corpo, para que a culpa caísse sobre os índios.

De volta à mata, o piloto passou a olhar os índios e, para vingar-se, presenteou-os com açúcar misturado a arsênico. Não se sabe até hoje quantos índios morreram. Na época, o seringalista espalhou o boato de que uma epidemia dizimava os beijos-de-pau.

Esse episódio separou radicalmente os índios dos bancos. Em 1962, feriram duas vezes, de raspão, um padre que tentara aproximar-se. Cinco anos depois, mostrando novamente que não queriam matar, feriram levemente um lavrador e sua mulher. O mesmo ocorreu em junho do ano passado com outro lavrador.

Onde estão os primitivos

O Plano de Integração Indígena, documento da Funai, informa que o Brasil tem cerca de 100 mil índios, dispersos por 15 Estados e três Territórios, abrangendo uma área de mais de 500 mil quilômetros quadrados, o que dá uma densidade mínima de um habitante por 5 km² ou ainda 0,2 habitante por km².

Só há índios não aculturados — isto é, com contato irregular ou esporádico com os brancos — na Amazônia legal, que compreende os Territórios de Rondônia, Roraima e Amapá e os Estados do Acre, Amazonas, Pará e Maranhão, além da região Norte de Mato Grosso e Goiás.

Dentre estes, só são considerados índios primitivos os que apenas eventualmente sabem da existência do branco e que ainda conservam seus costumes e tradições tribais. Estes vivem nas fronteiras ao Norte e a Oeste da linha que vai do extremo Leste do Amapá ao extremo Sul de Rondônia.

Segundo a Funai, os grupos indígenas sobreviventes nesta parte da chamada Faixada de Fronteira talvez cheguem a mais de 20 mil.

A última missão pacificadora foi a organizada em outubro pelo padre Calleri, que partiu de Manaus no dia 14, com outras nove pessoas, para tentar um contato com os atroaris, índios altos e fortes, com uma média de idade de 22 anos, que habitam a bacia dos rios Alalaú e Jauaperi.

Segundo o mateiro Alvaro Paulo da Silva, a expedição foi massacrada pelos atroaris na noite de 31. Os crânios e ossos (fraturados) de oito dos companheiros do padre Calleri foram encontrados no dia 30 de novembro por homens do PARA-SAR, após vários dias de busca na Amazônia.